

# IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA *CINQUENTA TONS DE CINZA*

Amanda Lêdo (UFPE)  
mandinhacavalcante@yahoo.com.br

Daniele Nunes (UFPE)  
basidani@hotmail.com

## Introdução

A literatura nos fornece sinais indiretos, muito mais que diretos, sobre a sociedade na qual circulou ou circula. A literatura não nos diz como somos, mas, sim, como pensamos que somos, como desejamos ser, no limite, como não somos.

Cíntia Schwantes

Pesquisas recentes sobre identidade na perspectiva dos estudos sociais e linguísticos (BUCHOLTZ; HALL, 2005; HOFFNAGEL, 2010) vêm considerando o caráter múltiplo, fragmentado e não acabado desse conceito, que varia de acordo com as diferentes situações sociais. Inserida nesse contexto, a identidade de gênero está diretamente relacionada aos papéis assumidos pelos interlocutores e compreende aspectos diversos constituídos durante a interação. Através da linguagem, diferentes identidades emergem, são construídas e negociadas (BUCHOLTZ; HALL, 2005).

A literatura se apresenta como meio privilegiado para transparecer aspectos identitários que constituem as práticas discursivas veiculadas através de suas obras, inclusive a identidade de gênero. A construção da identidade feminina é objeto de investigação de diferentes pesquisas (RUSTICK; POLIDORIO, 2010; OLIVEIRA, 2010), que chamam a atenção para o processo de constituição das identidades inseridas em contextos específicos, refletindo sobre como sua representação em obras literárias se relaciona com a realidade social.

Considerando o aporte teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação feminina construída no livro *Cinquenta tons de cinza*, com base em atributos associados à identidade da mulher em diferentes passagens da obra. Adicionalmente, discutimos as respostas de um grupo de leitoras a um questionário sobre a recepção do referido livro. Para alcançar nossos objetivos, o trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiro, situamos o estudo no contexto da Análise Crítica do Discurso e explicitamos o conceito de identidade no qual nos baseamos. A seguir, contextualizamos a obra *Cinquenta tons de cinza*. Em seguida, analisaremos como a identidade feminina é representada no livro, encerrando com as considerações finais.

## 1. Estudos discursivos sob a ótica da Análise Crítica do Discurso

Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou a refletir.

Foucault

Para a realização desse estudo, defendemos a noção de que o discurso é uma forma de ação histórica e culturalmente situada. Entendemos o discurso como uma atividade comunicativa irremediavelmente ligada às práticas sociais e compreendemos as práticas discursivas como atividades de produção comunicativa elaboradas em um meio social,

estando relacionadas aos aspectos econômicos, culturais, históricos, ideológicos e políticos (FAIRCLOUGH, 2001b).

Para Fairclough (2001a), a prática discursiva é considerada como um modo de ação, a forma pela qual as pessoas podem agir e dizer o mundo, bem como podem representá-lo socialmente. Com isso, verificamos a existência de uma ligação entre a prática discursiva e a sociedade, visto que o discurso é tanto moldado como é constituído pelas estruturas sociais.

Ao entender que a prática discursiva e a sociedade estão interligadas entre si, reconhecemos também a importância da cognição social para a compreensão do discurso e para a observação de como as identidades sociais são construídas nas práticas comunicativas.

A cognição social é um dos conceitos que difere os estudos da ACD das outras abordagens analíticas, pois, ao ser atrelado aos estudos analíticos críticos do discurso, contribui para que se compreenda a prática sociodiscursiva em seu sentido mais amplo. Isto é, a cognição social oferece subsídios para que se originem o discurso, a comunicação e outras formas de ação e interação, assim como promove a compreensão dos acontecimentos sociais ou das instituições sociais e das relações de poder (PEDRO, 1997). A cognição está diretamente integrada e presente na relação entre a sociedade e o discurso, pois o discurso e a sociedade não podem estar, empírica ou teoricamente, desatrelados dos processos e das representações mentais (VAN DIJK, 1997). Esses três aspectos – cognição social, discurso e sociedade – estão interligados, atuando conjuntamente para a efetivação dos processos de interação comunicativa.

A cognição social é considerada como um sistema de representações mentais e de processos de membros de grupos, sendo parte desse sistema agregado ao conhecimento compartilhado pelos membros inseridos em sociedade (VAN DIJK, 2005). Portanto, ao ser adquirida pelos indivíduos na efetivação das práticas sociais, a cognição social demonstra como está imbricada à compreensão dos fatos sociais e interligada às situações comunicativas partilhadas socialmente. Por isso, ela está diretamente relacionada às vivências sociais e ao contexto em que são estabelecidos os eventos sociodiscursivos.

Dessa maneira, percebemos que para realizar um estudo analítico crítico das práticas sociodiscursivas que contemple o discurso em seu sentido mais amplo, devemos considerar que tal prática é concebida e constituída tomando por base as relações existentes entre discurso, cognição e sociedade, pois, ao levar em conta essa integração, podemos atingir uma adequação explicativa e interpretativa no estudo discursivo, especialmente daquele que trata dos grupos marginalizados socialmente.

Consideramos que a análise de como é representada a identidade feminina no discurso literário deve estar articulada em torno desses aspectos, porque tal abordagem teórica será basilar para compreender como as identidades sociais podem contribuir para a formação dos enquadres cognitivos partilhados pelos membros de grupos sociais a respeito da personagem Anastasia, do livro *Cinquenta tons de cinza*. A seguir, abordamos os conceitos de identidade e de representação feminina que nos servem de base para a realização dessa pesquisa.

## **2. Identidade social, gênero e representação**

Não se nasce mulher, torna-se mulher.  
Simone de Beauvoir

O conceito de identidade, no presente trabalho, é concebido como uma “realização interacional, negociada e alcançada em eventos comuns, como traços constitutivos de encontros sociais” (HOFFNAGEL, 2010, p. 64). Nessa perspectiva, a identidade não é uma categoria fixa e acabada, mas muda ao longo do tempo, como também varia de acordo com o

contexto em que acontece, em um processo de negociação entre os interlocutores da interação (HOFFNAGEL, 2010).

Dessa forma, podemos falar em “identidades” assumidas pelos interlocutores nos diferentes contextos de interação nos quais se engajam. Essas identidades são moldadas por questões ideológicas e de poder e constituídas por diferentes aspectos, sendo mutáveis e encontrando-se inerentemente em construção.

Bucholtz e Hall (2005), a partir da conjugação de perspectivas de diferentes áreas, realizam uma sistematização do conceito de identidade. As autoras argumentam que a identidade é emergente na interação. Elas defendem que a identidade é um produto sociocultural, em oposição a uma concepção de identidade como um fenômeno interno e psicológico; além disso, consideram que as identidades abrangem, além de categorias macrossociológicas, como idade, sexo e classe social, posições temporárias e posturas específicas, de acordo com os papéis assumidos na interação.

Bucholtz e Hall (2005) assumem que as identidades são relacionais e constituídas a partir de aspectos muitas vezes sobrepostos, a exemplo da semelhança e da diferença, que podem ser enfatizadas para aproximar ou distanciar identidades entre grupos. Finalmente, as estudiosas sugerem que as identidades podem se apresentar de maneira intencional, ou habitual, não sendo totalmente consciente. As identidades são fruto de negociação interacional e processos ideológicos em contextos específicos. A sistematização do conceito de identidade realizada por Bucholtz e Hall (2005) é útil para o estudo de diferentes aspectos da identidade, como, por exemplo, em pesquisas que envolvem a questão do gênero.

Estudos sobre gênero social investigam como “a diferença biológica entre os sexos tem sido transformada em diferença sociocultural” (CAIXETA; BARBATO, 2004, p. 215). A identidade de gênero é uma construção social que está intrinsecamente relacionada com as definições de atitudes e ideias típicas para homens e para mulheres, em uma sociedade e épocas específicas. Essas expectativas são produzidas por meio das práticas sociais e discursivamente constituídas através dos usos da linguagem (SILVA, 2006). Dessa forma, destacamos a relação entre identidade de gênero e linguagem, na medida em que os textos são elementos mediadores das relações sociais e refletem esse processo de construção da identidade diante dos papéis sociais que os interlocutores assumem na interação.

Dessa forma, desde a infância, são ensinados comportamentos típicos para meninos e meninas, constituindo a separação de gênero. Mas a desigualdade dessas representações é construída, perpetuada e naturalizada através de práticas sociais recorrentes, dentre as quais se destacam as práticas discursivas. Os significados culturais produzidos por sistemas simbólicos, como a linguagem, sobre aspectos identitários correspondem a sistemas de representação e posicionam os indivíduos como sujeitos no interior das práticas sociais (WOODWARD, 2012).

Assim, a representação compreende um dos aspectos relevantes relacionados com a identidade na medida em que a (re)produção dos discursos sobre os sujeitos constituem o processo de identificação desses sujeitos sobre quem são, quem podem ser, junto aos grupos dos quais eles fazem parte. Woodward (2012) destaca que diferentes entidades, através de recursos midiáticos, podem contribuir significativamente para a construção de identidades, a exemplo das telenovelas que enfatizam certos padrões de beleza e estilos de vida a serem seguidos pelo público e, muito claramente, da publicidade, cuja “eficácia” está condicionada à identificação dos consumidores com o produto anunciado e/ou com o(s) significado(s) associado(s) a ele (*status*, etc.).

Como a identidade e suas representações estão intrinsecamente relacionadas com questões ideológicas e de poder, algumas representações ganham mais visibilidade e *status* do que outras. Isso porque os grupos dominantes têm mais acesso aos meios de comunicação e maior chance de reprodução de suas identidades, acrescido do fato de que tais representações

são tidas como “melhores”, “desejáveis”, ou seja, o padrão a ser seguido, enquanto aquelas que fogem a esse padrão estão fora da “normalidade”. Assim, nos estudos sobre identidade a questão da diversidade é reconhecida e o discurso predominante é de que deve ser respeitada, no entanto não há uma discussão mais aprofundada e crítica sobre quais as implicações da diversidade, como por exemplo os diferentes significados que cada uma apresenta na sociedade (SILVA, 2012). Essa problematização é necessária na medida em que a representação, bem como as identidades, se constitui como lugar de conflito e negociação.

Considerando que vivemos em uma sociedade letrada e que a Literatura é um meio de comunicação que atinge as massas, portanto, mídia que tem grande alcance, o discurso literário torna-se um meio privilegiado que pode construir, (re)produzir e perpetuar representações de gênero prototípicas, ou seja, as obras literárias permitem “a veiculação de discursos hegemônicos no que se refere a gênero social, naturalizando divisões de acordo com relações hierárquicas de dominação e de subordinação” (LAZAR, 2005, apud SILVA, 2006, p. 1000). O tópico seguinte é dedicado a esclarecimentos sobre o livro *Cinquenta tons de cinza*.

### 3. *Cinquenta tons de cinza*: contextualização da obra

O livro “*Cinquenta tons de cinza*”<sup>1</sup> foi escolhido para ilustrar nossa discussão devido ao seu sucesso de vendas no Brasil, obtendo o primeiro lugar no *ranking* dos mais vendidos no país a partir do segundo semestre de 2012, até meados de fevereiro de 2013<sup>2</sup>. A obra, narrada em primeira pessoa pela personagem Anastasia Steele, jovem de 21 anos, inexperiente, estudante de literatura, conta a história do seu relacionamento com o bem sucedido milionário Cristian Grey, de 27 anos. Grey possui preferências sexuais peculiares, com tendências sadomasoquistas e/ou de orientação BDSM<sup>3</sup>. A história se passa no ano de 2011 e, no caso desse livro que estamos analisando (o primeiro volume, apenas) compreende um período de 25 dias. Anastasia trabalha em uma loja de ferragens e divide o apartamento com uma amiga e colega de curso, Kate.

O livro é o primeiro de uma trilogia (complementada por *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*) e apresenta conteúdo adulto, podendo ser classificado como parte da literatura erótica voltada para o público feminino, ganhando até os títulos de “mommy porn” (pornô para mães) e de “guia sexual” para as mulheres, por poder servir de inspiração para “apimentar a relação”. A obra está dividida em 26 capítulos. A autora E. L. James teria feito uma *fã-fiction*<sup>4</sup> da trilogia *Crepúsculo*<sup>5</sup>, de Stephenie Meyer, guardadas as diferenças de público alvo, por exemplo. A seguir, abordamos a questão da identidade e representação feminina a partir da análise de passagens do livro.

### 4. Identidade e representação feminina em *Cinquenta tons*

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizamos a versão traduzida para a Língua Portuguesa, conforme referência ao final. Cientes de possíveis diferenças e adaptações decorrentes do processo de tradução e de que o livro foi produzido em um contexto específico, diferente do contexto brasileiro, mantivemos nossa escolha devido à sua grande aceitação entre os/as leitores/as brasileiros/as.

<sup>2</sup> Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/2013-03-21/paulo-leminski-bate-cinquenta-tons-de-cinza-em-lista-de-mais-vendidos.html>.

<sup>3</sup> **BDSM** é um acrônimo para a expressão "Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo" um grupo de padrões de comportamento sexual humano. A sigla descreve os maiores subgrupos: Bondage e Disciplina (**BD**), Dominação e Submissão (**DS**), Sadismo e Masoquismo ou Sadomasoquismo (**SM**) (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/BDSM>).

<sup>4</sup> Literatura não oficial produzida por fãs que baseiam sua obra nos personagens e na história do “livro fonte”.

<sup>5</sup> Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/%E2%80%98cinquenta-tons-de-cinza%E2%80%99-guia-de-sexo-para-fas-de-%E2%80%98crepusculo%E2%80%99>.

Com vistas a identificar como a representação é refletida no texto literário estudado, destacaremos como o uso de determinados itens lexicais, pontuados ao longo dos discursos analisados, podem operar para a construção da identidade da personagem Anastasia, pois entendemos que tais elementos não são neutros no funcionamento dos textos e na constituição dessa prática comunicativa. De fato, esses elementos agem para a construção de sentido dos textos e desempenham seu papel ideológico e social de extrema relevância, tanto para a constituição das identidades sociais, como a legitimação da representação feminina no livro *Cinquenta tons de cinza*.

Um primeiro aspecto que é relevante enfatizar é o fato do livro apresentar teor erótico *voltado para mulheres*, como já dito, o que é importante na medida em que rompe um tabu que o tema sexual ainda pode representar para o público feminino. Além disso, não trata do sexo de maneira convencional, mas o faz a partir de uma perspectiva feminina, na qual a mulher pode se permitir a busca pelo seu prazer. O problema é que, apesar desses “avanços”, no livro ainda se percebe um forte apelo ao discurso tradicional, visto que dentre as preferências sexuais pouco convencionais do Sr. Grey está o estabelecimento de um “contrato”, no qual ele seja o Dominador e a Anastasia seja sua Submissa (nesses termos) e não o contrário (a mulher como Dominadora e o homem como Submisso). Assim, o que parecia apresentar um tratamento diferenciado de como deveriam ser os papéis sexuais de um casal, evoca uma construção tradicional e machista, camuflada como preferência sexual distinta (BDSM), em que a mulher deveria obedecer ao Amo para não ser punida.

O exemplo 01 traz trechos do contrato a ser estabelecido entre Christian e Anastasia, a respeito das atribuições de uma Submissa:

### **Exemplo 01: Trechos do contrato entre Dominador e Submissa**

#### **NORMAS**

##### ***Obediência:***

A *Submissa*<sup>6</sup> ***obedecerá*** a quaisquer instruções dadas pelo Dominador ***imediatamente, sem hesitação ou reserva, e com presteza***. A *Submissa* concordará com qualquer atividade sexual que o Dominador julgar adequada e prazerosa, salvo aquelas atividades que estão resumidas em limites rígidos (Apêndice 2). Ela fará isso avidamente e sem hesitação. [p. 97]

[...]

##### ***Qualidades pessoais:***

A *Submissa* não se envolverá em quaisquer relações sexuais com qualquer outra pessoa senão o Dominador. A *Submissa* se apresentará sempre de forma ***respeitosa e recatada***. Ela deve reconhecer que seu comportamento se reflete diretamente no Dominador. ***Será responsabilizada*** por qualquer transgressão, delito ou má conduta incorridos quando não estiver na presença do Dominador.

O não cumprimento de quaisquer das regras acima resultará em ***punição*** imediata, cuja natureza será determinada pelo Dominador [p. 98].

[...]

15.2 O Dominador aceita a *Submissa* como ***propriedade sua, para controlar, dominar e disciplinar*** durante a Vigência. O Dominador pode usar o corpo da *Submissa* a qualquer momento durante as Horas Designadas ou em quaisquer horas adicionais acordadas, do modo que julgar apropriado, sexualmente ou de outra maneira qualquer [p. 152].

Percebermos que os itens lexicais destacados, tais como “*Submissa*” “*obedecerá*” “*imediatamente*”, “*sem hesitação*”, “*reserva*” e “*presteza*”, contribuem para o leitor recobre

---

<sup>6</sup> Grifo nosso. O uso do negrito foi um destaque nosso aos exemplos retirados do livro examinado por nós e que será utilizado em nossas análises de agora em diante.

em seus modelos mentais<sup>7</sup> a ideia de uma ação de subserviência da personagem perante seu algoz. Além desses termos, no exemplo 01, temos em destaque as características que a personagem deve apresentar diante seu Dominador, sendo ela “*respeitosa e recatada*”, predicados estes que contribuem para construir nesse discurso a postura de subordinação de Anastasia.

Conforme fica estabelecido pelos termos do contrato entre Dominador e Submissa, ela lhe deve obediência e deve viver para satisfazê-lo, podendo sofrer castigos, inclusive físicos, caso aja de maneira que lhe desagrade. Observamos ainda que os termos lexicais, “*punição*”, “*propriedade*”, “*controlar*”, “*dominar*” e “*disciplinar*”, corroboram para reduzir a personagem a um mero objeto do Dominador, construindo nesse discurso não apenas a noção de subordinação feminina, mas também a de que a mulher não possui papel social de relevância, evocando os modelos da sociedade patriarcal e tradicionalista. Logo, a representação feminina construída diz respeito a uma mulher obediente aos gostos do homem (pai/marido/namorado). O exemplo 02 ilustra um momento do livro em que Christian submete Anastasia a castigos corporais:

### **Exemplo 02: Anastasia é castigada por Christian**

*[...] Ele põe a mão na minha bunda nua, acariciando-me delicadamente, fazendo movimentos circulares com a palma da mão. De repente, retira a mão... e me bate – com força. Ai! Arregalo os olhos reagindo à dor, e tento me levantar, mas ele põe a mão entre as minhas escápulas, forçando-me para baixo. Torna a acariciar o local onde me bateu e sua respiração muda – está mais ruidosa, mais forte. Ele me bate de novo e de novo, depressa e sem interrupção. Puta merda, isso dói. Não emito um som, o rosto contraído para aguentar a dor. Tento me contorcer para me esquivar das palmadas – estimulada pela descarga de adrenalina que me percorre o corpo. - Fique quieta – grunhe ele –, senão não vou parar de bater [p. 246].*

*[...] E depois, hoje à noite, ele me bateu mesmo. Nunca ninguém me bateu na vida. Onde é que fui me meter. Muito devagarinho, as lágrimas interrompidas pela chegada de Kate começam a escorrer pelo meu rosto e a entrar pelos ouvidos. Apaixonei-me por alguém tão fechado emocionalmente que só vou me machucar – no fundo, eu sei disso [...] [p. 254-255].*

Não fosse pelo contexto sexual que envolve todo o livro e, portanto, a explicitação de que se trata de uma preferência sexual não convencional de Grey, o episódio narrado no exemplo 02 poderia ser classificado como um caso de violência doméstica, como tantos que ocorrem nos lares brasileiros<sup>8</sup>. No relato de Anastasia, destacamos alguns itens lexicais que podem confirmar essa afirmação, visto que os termos “*me bate – com força*”, “*me bate de novo e de novo, depressa e sem interrupção*” e “*ele me bateu mesmo*” nos remetem a um modelo mental de uma ação negativa, que é gerada a partir da agressão física sofrida por ela. Além disso, o verbo “bater” e os adjuntos adverbiais empregados nos trechos destacados corroboram para construir nesse discurso a ideia do desconforto vivenciado pela personagem, que é castigada e não está à vontade com essa situação de subordinação. Percebemos também que a postura assumida pela jovem nessa relação em “aceitar” as punições físicas de seu “torturador”, quando afirma que “*não (emite)emito um som*” após os sucessivos castigos físicos, ajudam a construir nesse discurso a imagem feminina de submissão e de dependência emocional. Ademais, fica implícito no discurso o “direito” que Grey teria de bater em

<sup>7</sup> Entendemos os modelos mentais como os esquemas mentais fundamentados a partir das experiências e vivências cotidianas e moldados pelos compartilhamentos das ações no entorno da vida em sociedade (VAN DIJK, 2012).

<sup>8</sup> É importante ressaltar que no caso do sadomasoquismo, as práticas são consentidas entre os participantes, de forma que mesmo os atos que envolvem castigos físicos, por exemplo, só ocorrem por estarem acordados entre eles, em nome de um sentimento de prazer (e aí estaria uma diferença fatídica entre tais práticas e a violência doméstica). No caso do livro, temos que Christian insiste em estabelecer um contrato no qual constem todas as práticas que Anastasia consente em participar. Ela não chega a assiná-lo, pois deseja que seu relacionamento com Christian não se limite a isso, mas consente verbalmente com os atos dele.

Anastasia, pois ela terá dado a prova de que seu amor é verdadeiro e superior a todas as punições recebidas.

Assim, seja por curiosidade sobre as práticas sadomasoquistas, seja por medo de perder o seu relacionamento com Christian, seja pela ingenuidade de não perceber o que esse tipo de relacionamento de fato significa, seja por um suposto amor que ela nutre (cf. exemplo 03), Anastasia (assim como ocorre com várias mulheres em situação de violência doméstica), mesmo que, em alguns momentos, apresente certa resistência a essas práticas, de fato se submete aos “caprichos” de Grey.

### **Exemplo 03: Anastasia tem medo do fim do seu relacionamento, caso não aceite o contrato**

*Não quero perdê-lo. Apesar de todas as suas exigências, de sua necessidade de controle, de seus vícios assustadores, nunca me senti tão viva quanto agora [p. 317-318].*

Nesse ponto, a representação invocada de Anastasia é conflituosa, visto que se apresenta uma mulher apaixonada e disposta a fazer tudo pelo amor (inclusive manter uma relação que não lhe faz bem, podendo por isso ser considerada “fraca”, conforme algumas leitoras questionadas por nós afirmam), e que, no entanto, não aceita tão facilmente e sem restrições o fato de ser submissa.

Destacamos então outro aspecto relevante, relativo à caracterização da personagem Anastasia:

### **Exemplo 04: Caracterização de Anastasia**

*Fico vermelha e abaixo os olhos. É isso que me prejudica nesse jogo de sedução. Ele é o único que conhece e entende as regras. Sou simplesmente muito ingênua e inexperiente. Minha única referência é Kate, e ela não aceita desaforo de homem. Minhas outras referências são todas ficcionais; **Elizabeth Bennet** ficaria ultrajada. **Jane Eyre**, assustada demais, e **Tess**<sup>9</sup> sucumbiria, assim como eu sucumbi [p. 202].*

Conforme exemplo 04, Anastasia reconhece a sua ingenuidade e que isso a deixa, em certo sentido, em desvantagem em sua relação com Christian. Esse é um dos pontos relevantes da construção da imagem da personagem Anastasia, que é pura e virgem, remetendo aos contos de fada em que a princesa inocente e pura espera o seu príncipe encantado. Essa relação é reforçada na medida em que Anastasia afirma que suas principais referências sobre relacionamentos provêm das personagens da ficção literária inglesa. Observemos que as personagens citadas “**Elizabeth Bennet**” e “**Jane Eyre**”, símbolos literários da emancipação feminina, nos ajudam a recobrar em nossos modelos mentais a ideia de Anastasia está agindo, em sua relação com Grey, em desacordo com algumas de suas próprias referências de mulheres fortes, independentes e que lutam pelo respeito e igualdade. Já a personagem “**Tess**”, que se manteve impotente diante dos infortúnios da vida, colabora para que a imagem construída de Anastasia seja a de uma mulher frágil e que sucumbiu a essa relação de subordinação e submissão.

Além disso, Anastasia é apresentada como desajeitada (como quando conheceu Christian, tropeçou e caiu em seu escritório) e com baixa autoestima, sempre duvidando de que ele goste dela, de tal forma que o “príncipe”, supostamente, não teria motivo para se interessar justamente por ela (cf. exemplo 05). Esse conjunto de atributos desenha em Anastasia traços de fragilidade (perpetuando a qualidade tipicamente atribuída à mulher, considerada “sexo frágil”), o que traz um ar de romance para o enredo. No entanto, ela também foge da total imagem de totalmente “boazinha”, na medida em que, por exemplo, utiliza palavrões ao longo do texto (cf. é possível observar no exemplo 02).

---

<sup>9</sup> Personagens da literatura clássica inglesa.

### **Exemplo 05: Caracterização de Anastasia**

*[...] Empurro a porta, tropeço em meus próprios pés e caio estatelada no escritório. Merda: Eu e meus dois pés esquerdos! Caio de quatro no vão da porta da sala do Sr. Grey e mãos delicadas me envolvem, ajudando-me a levantar. Que vergonha, maldita falta de jeito! Tenho que me armar de coragem para erguer os olhos [p. 10].*

*[...] Romanticamente, porém, eu jamais me expus. Uma vida de insegurança – sou muito pálida, muito magra, muito desleixada, descoordenada, minha lista de defeitos é longa [p. 51].*

Grey oferece vários presentes caros a Anastasia (livros antigos, carro, computador, roupas), diante dos quais ela apresenta alguma resistência em aceitá-los, mas termina aceitando como “empréstimo”, através da narrativa constrói-se a imagem de que o interesse dela não é pelo dinheiro dele, mas sim que nutre uma grande paixão, pelo envolvimento sexual, e fascínio pela sua beleza, além dos mistérios nos quais Christian está envolto. A princípio, Christian então é apresentado como ser perfeito e enigmático, viril, com uma performance sexual invejável, ou seja, remetendo à fantasia de um homem completo e desejado por qualquer mulher: rico, inteligente, bem sucedido, viril, porém com sombras em sua personalidade que o levam a realizar práticas sexuais não convencionais. Ou seja, Grey não seria um “príncipe encantado” sem defeitos: ao conhecer mais profundamente Christian, Anastasia vai se desfazendo da ilusão e da imagem mais idealizada dele. É vontade de Anastasia ajudá-lo, “trazê-lo de volta à luz” (cf. exemplo 06), perfazendo a ideia de que seria papel da mulher “consertar” o homem:

### **Exemplo 06: Anastasia caracteriza Christian**

*Este homem, que já considere um herói romântico, um corajoso cavaleiro valente – ou o cavaleiro das trevas, como ele disse. Ele não é um herói. É um homem com sérios e profundos problemas emocionais, e está me arrastando para a escuridão. Será que não posso guiá-lo para a luz? [p. 318].*

No livro, Anastasia supostamente corresponderia a um exemplo de mulher independente; alguns indícios, como o fato dela ter concluído um curso superior, dirigir seu próprio carro, estudar e morar em uma cidade diferente da dos seus pais e trabalhar para sua manutenção, aparentando gozar de uma situação financeira relativamente estável, contribuem para que se construa nesse discurso a noção de independência. No entanto, essas conquistas ficam ofuscadas, considerando o universo de Christian Grey. Dessa forma, a independência da personagem é desvalorizada, sendo tais aspectos apenas mencionados, mas ficando em segundo plano.

O tema do erotismo é bastante forte no livro, de forma que se repetem as cenas de sexo. Nesse aspecto, Anastasia, embora não tenha nenhuma experiência sexual anterior, não apresenta problemas e/ou dificuldades com sua sexualidade, na medida em que aparenta estar em perfeita sintonia com seu parceiro, sempre disposta a aceitar as investidas dele e, além disso, atinge o clímax com muita facilidade. Dessa forma, o livro trata de mais um ponto que ainda poderia ser tabu entre as mulheres – o orgasmo –, mas o faz de maneira idealizada, ou seja, o apresenta como fácil de ser alcançado, sem conflitos e com um parceiro perfeito, desconsiderando os possíveis desconfortos ou dificuldades que ocasionalmente as mulheres podem encontrar.

O que Anastasia deseja realmente é ter um relacionamento “mais normal” com Grey, sem contratos entre Dominador e Submissa. Em suas próprias palavras, ela “quer mais” (cf. exemplo 07). Para não perdê-la, ele se compromete a tentar ter um relacionamento nos moldes tradicionais, contudo não abre mão de suas preferências sexuais pouco tradicionais. No entanto, o fato de ele ter aceitado pela primeira vez um relacionamento mais convencional com ela representa uma vitória de Anastasia e, portanto, uma “vitória do amor”, tirando-a, dessa forma, de um estado de total submissão, visto que ela consegue o que deseja,



transferindo a submissão para Grey (ainda que metaforicamente): assim, estar apaixonado é ser submisso. Essa transferência pode implicar em mudanças nas identidades dos personagens, corroborando o fato das identidades não serem fixas.

No livro, o relacionamento entre os personagens principais (e que, devido ao seu alcance e ao que ele pode influenciar na construção das representações aceitas e desejáveis, pode ser tomado como natural, padrão) é problemático, especialmente porque traz como papel da mulher se esforçar para realizar as “fantasias do casal”, ainda que isso implique em sua submissão. Além disso, mostra a tentativa do casal de um querer mudar o outro, bem como demonstrações de ciúme e de possessividade entre eles, especialmente no que se refere à necessidade de controle de Grey, conforme exemplo 08. Mesmo quanto ao aspecto sexual, pode ser questionado se é de fato saudável, com base nas vezes em que Anastasia sofre com tais práticas.

### **Exemplo 07: Expectativas de Anastasia para o relacionamento**

*Fico olhando para baixo. O que posso dizer que ainda não tenha dito? Quero mais. Quero que ele fique porque ele quer ficar comigo, não porque eu esteja aos prantos, e não quero que ele bata em mim, será que isso é muito absurdo? [p. 256].*

### **Exemplo 08: Necessidade por controle de Grey**

*Christian: - Como você se sentiu enquanto eu batia em você e depois de eu ter batido?*

*Anastasia: - Não gostei. Eu preferiria que você não fizesse isso de novo.*

*Christian: - Você não deveria gostar.*

*Anastasia: - Por que você gosta disso?*

[...]

*Christian: - Gosto do controle que isso me dá, Anastasia. Quero que você se comporte de um determinado jeito, e se você não se comportar, punirei você, e então aprenderá a se comportar do jeito que eu quero. Gosto de castigar. Quis dar uma surra em você desde que me perguntou se eu era gay [p. 256-257].*

Por um lado, Grey acha positivo que Anastasia o enfrente, visto que se trata de um fato novo para um homem tão poderoso, mas, por outro lado, ele deseja que ela se torne sua Submissa, que obedeça suas ordens prontamente e sem questionar. Nota-se que Anastasia, então, transita entre esses dois polos, sendo este mais um ponto de conflito entre as identidades que ela assume. Na seção seguinte, trazemos, a título de ilustração, algumas considerações de leitoras sobre o livro que envolvem, entre outros aspectos, a questão da representação feminina.

## **4. Percepções das leitoras sobre *Cinquenta tons***

Interessou-nos também a opinião de algumas leitoras<sup>10</sup> de *Cinquenta tons de cinzas*, a fim de compreender como foi a recepção e a compreensão delas a respeito do livro, com

---

<sup>10</sup> A princípio, nosso plano foi disponibilizar o questionário na página do livro *Cinquenta tons de cinza* no site de relacionamentos Facebook, no entanto pensamos que o resultado poderia ser tendencioso, na medida em que as pessoas que curtem a página são fãs do livro (portanto, teria maior probabilidade das avaliações serem positivas). Então, com o intuito de nos aproximar de leituras mais diversificadas, que trouxesse maior chance de contemplar tanto pessoas que gostaram como as que não gostaram da leitura, através do Facebook, selecionamos aleatoriamente (i- entre os contatos de uma das pesquisadoras, ii- entre pessoas que não tinham lido mas indicavam outras que tinham lido e iii- uma postagem numa página de discussão sobre livros) mulheres que tivessem lido o livro e pedimos que respondessem a um questionário com perguntas a respeito de suas impressões sobre a leitura de forma geral e sobre a personagem Anastasia. Cerca de 10 mulheres foram convidadas, mas obtivemos, em tempo hábil para a realização deste trabalho, as respostas de apenas 03. Especialmente por questões de tempo (as respostas foram recolhidas no período da primeira semana do mês de julho de 2013), optamos por trabalhar apenas com esses dados. Esclarecemos que ao trazer as opiniões dessas leitoras, nosso intuito não foi generalizar as conclusões e fazer acreditar que as respostas obtidas

ênfase na imagem da mulher, a partir da personagem Anastasia. Os dados obtidos serão discutidos a seguir.

A média de idade das leitoras que consultamos é de 24 anos. Das três leitoras que participaram de nossa pesquisa, duas avaliam a leitura como positiva e uma apresenta críticas. No entanto, as leitoras atribuíram os seguintes adjetivos para caracterizar a personagem Anastasia: (vale salientar que essas características estão relacionadas com as identidades da mulher *construídas* no processo de leitura):

**Quadro 01: Características de Anastasia segundo as leitoras**

Anastasia	Ingênua, imatura, submissa, fraca, desesperada (duas leitoras)  simples, corajosa, segura, esperta , paciente (uma leitora)
-----------	---

**Fonte: elaboração das autoras**

Foi questionado se as leitoras se identificavam em algum aspecto com a personagem Anastasia, ao que apenas uma delas afirmou se identificar em parte: acreditava que ela e a personagem tinham em comum o fato de querer viver um amor, mas a leitora afirmou que difere da personagem no sentido de que não “baixaria tanto o nível para ter alguém” (sic). A terceira leitora, embora tenha apontado aspectos positivos, afirmou não se identificar com a personagem em nenhum aspecto.

A respeito do motivo que as levou a ler o livro, foi unânime entre as leitoras a curiosidade de ler uma obra que estava sendo tão comentada na mídia, entre as amigas e nas redes sociais. Finalmente, foi questionado como elas observavam que a figura da mulher era representada no livro, de forma que obtivemos as seguintes considerações:

**Quadro 02: Considerações das leitoras a respeito da mulher representada em *Cinquenta tons***

Leitora 01	Submissa, cuja única obrigação é agradar seu homem e satisfazer seus desejos sexuais. Anastasia, se bem me lembro, em momento nenhum demonstrou saber mais do que o Sr. Grey, isto para mim reforça a ideia de que quanto menos experiências sexuais a mulher tiver, mas bem vista e mais “bem quista” será no meio masculino. É um reforço do estereótipo de mulher que se guarda intacta para o primeiro e último.
Leitora 02	Quase um objeto, um brinquedo, um ser frágil e submisso. Foge a todas as pregações feitas de que a mulher tem que ser forte, se impor, acreditar que não depende de outros homens. Enfim, acabou com a moral das mulheres. Não é só de sexo e orgasmos excessivos que alguém precisa pra ser feliz, muito menos de ficar com o cara mais lindo do mundo, pra mostrar pras outras que é você que ele deseja. Anastasia deve ser exemplo do que não ser e não fazer pra ficar com um homem.
Leitora 03	Uma mulher que deveria ser submissa, mas, que teve personalidade própria e conseguiu deixar as coisas como queria.

**Fonte: elaboração das autoras**

As leitoras 01 e 02 trazem uma percepção negativa a respeito de como a imagem da mulher é construída ao longo do livro, que, conforme descrição que realizam, remete a uma construção nos moldes machistas. Assim, como exemplo, a leitora 01 destaca um atributo tradicionalmente associado à mulher, que é “guardar sua pureza” para um único homem,

---

corresponderiam à de uma maioria, visto que temos uma quantidade ínfima em vista da estimativa total de pessoas que leram o livro; mas sim oferecer um exemplo de leituras realizadas, considerando um contexto mais restrito, como ocorreu na ocasião do recolhimento dos dados.

sendo este um aspecto valorizado na sociedade e utilizado para controlar a sexualidade feminina. Já a leitora 03 vê as ações de Anastasia como estratégias para conseguir o que desejava. Podemos relacionar a diversidade de leituras ao fato de o livro remeter a representações conflituosas, por vezes reproduzindo os estereótipos patriarcalistas, e em outros casos, revelando alguma resistência da figura feminina.

### **Considerações finais**

Ao longo do artigo, foi do nosso interesse investigar como a figura feminina é representada no livro *Cinquenta tons de cinza*, considerando que a organização social e as práticas e representações dos atores sociais são construídos e perpetuados através das práticas discursivas e que o discurso literário não é neutro, mas é meio de acesso às massas (especialmente a partir de leituras mais fáceis que se tornam *best sellers*), forma opiniões, constrói representações e pode contribuir para a construção da identidade da mulher em nossa sociedade.

Com base na ACD, através da análise dos itens lexicais presentes em trechos destacados do livro e dos possíveis modelos mentais são ativados, bem como das respostas de algumas leitoras ao questionário, por um lado, foi possível perceber como a construção discursiva veiculada pelo referido livro está perpassada pela ideologia patriarcalista, permeada pela visão tradicional de homem como provedor, como dominador, em que a mulher deveria assumir uma condição subjugada.

Embora tenhamos uma autora (e não um autor) e uma protagonista como narradora dos fatos ocorridos no livro, e, supostamente, esses atores sociais se valeriam de discursos que representariam a mulher de maneira mais positiva, dando voz às suas lutas, na verdade o que ocorre é que se limitam à reprodução de um discurso mais tradicional. Embora possamos afirmar que a mulher goza de visibilidade no livro, a voz do “dominado” (no caso, da mulher representada pela personagem Anastasia Steele) é trazida em formas de leve resistência, que ao longo do livro vai cedendo, visto que de toda forma as práticas a que Anastasia se submete são consensuais entre o casal.

Por outro lado, foi possível perceber que não há uma única representação, mas representações conflituosas da mulher, através da figura de Anastasia. Em diferentes momentos, ela assume uma visibilidade social de moça frágil, insegura e inocente, já em outros se apresenta como mulher que tem o poder de usufruir de todo o prazer que a sua sexualidade lhe proporciona, e ainda em outros se coloca em situações de submissão para se manter no relacionamento que deseja. Saliente-se também que as identidades não foram construídas de forma pontual a partir de partes isoladas do livro, mas sim processualmente. Assim, é o texto como um todo, portanto os diferentes discursos que o constituem, que ajudará o leitor a construir tais identidades.

Dessa forma, não observamos uma identidade completamente emancipada construída por Anastasia e, por extensão, atribuída à mulher ali representada, mas um conflito de identidades assumidas em diferentes passagens do texto, assumindo uma representação múltipla.

Finalmente, consideramos que a grande publicidade realizada e a divulgação da quantidade de vendas do livro são fatores que contribuem para a disseminação do livro, mas não correspondem necessariamente ao fato de que o público aprovou a leitura, como foi possível observar pelas respostas de algumas leitoras que apresentamos. Assim, um dos aspectos que justificam o alcance do livro é que quanto mais acesso um objeto ganha, mais discursos são produzidos sobre ele, e, conseqüentemente, mais visibilidade lhe é dada. Trata-se de um exemplo de acesso à mídia que representações hegemônicas podem alcançar.

Não foi nosso intuito realizar uma abordagem exaustiva sobre o livro, visto que muitas questões ainda poderiam ser abordadas, mas procuramos discutir uma leitura possível (dentre muitas leituras que os textos literários permitem) e propor uma reflexão sobre como as questões identitárias estão relacionadas com a representação, restando ainda diversos aspectos por investigar que merecem um estudo mais amplo e sistematizado.

## REFERÊNCIAS

BUCHOLTOZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, 7 (4-5): 2005, p. 585-614.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia*: 14 (28), 2004. p. 211-220.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília, Editora da UnB, 2001a.

\_\_\_\_\_. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: WODAK, Ruth & MEYER, Michael. (org.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London, Sage Publications, 2001b. p. 121-138.

HOFFNAGEL, J. C. A narrativa como lugar da expressão da identidade social. In: \_\_\_\_\_. *Temas em antropologia e linguística*. Recife: Bagaço, 2010. p. 63-79.

JAMES, E. L. *Cinquenta tons de cinza*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

OLIVEIRA, G. P. de. A menina Cecília Meireles por ela mesma e sobre outras mulheres: a auto-representação e a representação em prosa e poesia. *Anais do II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem*. UNIOESTE, Cascavel-PR: 2010. p. 1-13.

PEDRO, E. R. Análise Crítica do Discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (org.). *Análise Crítica do Discurso: Uma perspectiva Sociopolítica e Funcional*. Lisboa, Caminho, 1997p. 19-46.

RUSTICK, J. C.; POLIDÓRIO, V. A imagem da mulher nos dramas “Hamlet” e Macbeth de William Shakespeare. *Anais do II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem*. UNIOESTE, Cascavel –PR: 2010. p. 1-12.

SILVA, L. R. da. Discurso e identidades de gênero. *Anais do 33º Congresso Internacional de Linguística Funcional (ISFC)*. PUC-SP: 2006. p. 989-1006.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.

VAN DIJK, T. A. *Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto, Campo das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Discurso, cognición y sociedad. *Revista Signos*. Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 1997. p. 66-74.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.